

# Voltando para casa

RICHARD DYER



Muitos anos e quilômetros depois, para minha surpresa, compreendi que nunca chegara a partir.

**Q**UANDO EU era criança, acreditava que a cidade de Enid, em Oklahoma, sempre ali estivera e que eu nunca me afastaria dela. Era uma certeza que eu tinha.

Na realidade, eu não viria a passar mais que 15 anos e alguns meses naquele local. Em 1956, ofereceram um emprego a meu pai em Ohio, que lhe permitiria ganhar o dobro. Então, minha família mudou-se com tudo numa grande caminhonete amarela. O tempo foi passando e minha adolescência também. Hoje, Enid conta aproximadamente com o mesmo número de habitantes que tinha

quando eu era garoto (40 000 pessoas), mas muita gente já não é a mesma daquela época. A terra natal, para a maioria dos americanos, tornou-se o local que a gente deixa.

No outono passado, porém, voltei pela primeira vez em 34 anos. A cidade celebraria seu centésimo aniversário com churrasco, parada, concursos de lançamento de ferradura, cabo-de-guerra e comilança de tortas, o que me pareceu um magnífico programa. Tal como muitas outras cidades pequenas dos Estados Unidos, Enid dá grande ênfase a rituais como as paradas e os discursos de louvor, que reforçam os laços entre a família, os amigos, a igreja, a escola e os agentes econômicos, criando um sentimento de comunidade em redor de todos esses elementos.

Talvez acima de tudo, meu regres-

so a Enid fosse para ver o que de mim poderia encontrar naquele local que sempre permaneceu tão familiar em minha memória, apesar das distâncias temporais, geográficas e culturais que a fizeram parecer tão estranha.

Cheguei de Massachusetts, onde agora resido, depois do escurecer. No aeroporto de Oklahoma aluguei um carro e, durante o trajeto para lá, fui assaltado por recordações do tempo em que lá vivia. Era um lugar fantástico para se crescer nas décadas de 40 e 50. Os valores da família prevaleciam, os divórcios eram poucos e, até meus 13 anos, não havia televisão. No verão fazia calor.

Ao chegar, fui direto à construção cinza da Broadway, tão minha conhecida, onde vivi no andar superior, em cima de meus avós. Meu desejo foi entrar novamente, ser reconfortado por vovó e ouvi-la ler alto e rir. Hoje, até nem me importaria de comer nabos se ela quisesse — coisa que nunca fiz enquanto foi viva.

Calculei que a melhor forma de restabelecer contato com a cidade fosse ir à igreja de University Place no domingo logo pela manhã, e tinha razão. Sentei-me num banco também já meu conhecido e um senhor de idade de aspecto distinto veio em minha direção saudar o recém-chegado. «Bem-vindo à nossa igreja», me disse ele. «Meu nome é Kenneth Lewis.»

Olhei-o de perto e vi que se tratava do pai de um amigo meu de infância «Ora, mas que prazer!», respondi. Momentos depois, toda a con-

gregação já sabia que Dickie Dyer havia voltado. Há 30 anos que não me chamavam assim.

Descobri que a antiga biblioteca fora demolida, mas, à entrada do novo edifício, há um retrato da bibliotecária Jean Harrington, recordando-me do tempo em que ela me fazia trazer um bilhete de minha mãe me autorizando a levar para casa romances para adultos.

Perto dali, o teatro estava levando *Oklahoma!*, de Rodgers e Hammerstein, única produção em que vi recriarem corretamente nosso jeito de falar. Ao piano estava Tamara Gibson, amiga de infância que toca com um ritmo elegante que eu notaria em qualquer lugar. Conheço Tammie há tanto tempo que posso até dizer a seu marido que já tomei banho com ela.

Ao longo de todos esses anos, ela manteve o estilo de Maurine Morrow Priebe, minha primeira professora de Música. Já nenhum de nós se lembrava de ouvi-la tocar piano, mas recordamos que tinha uma voz extraordinária. Fora aluna de uma soprano da Metropolitan Opera na década de 30 em Nova York, mas voltara para Enid para cuidar de sua mãe, que enviuvara, começando então a ensinar. De seu coro na Escola Secundária de Enid saíam algumas pessoas que mais tarde vieram a se tornar cantores de ópera conhecidos.

A Sra. Priebe ainda era diretora do coro e solista da igreja de University Place. Ao cantar, sua voz enchia o templo de som e luz e eu senti que as portas do céu se abriam de par

em par. Foi sua excelente voz de soprano que me despertou para o poder da música e me colocou no caminho que me levaria mais tarde a tornar-me crítico musical.

Recordo-a como uma pessoa muito perfeccionista e severa, características que muito provavelmente tinha de fato. A música não se compadece com os erros humanos e eu levava jeito para aquela arte. Passados tantos anos, visitei-a e ela me convidou para almoçar. Foi só então que a vi com olhos de adulto. A diva da cidade. Altiva, encantadora, generosa, falante.

Durante minha estada em Enid encontrei também Marie Luikart, que lecionou inglês de 1932 a 1972. Tal como a Sra. Priebe, também ela me inspirou e indiretamente dirigiu para a carreira que escolhi.

A Srta. Luikart ensinou inglês a várias gerações de alunos como se de latim se tratasse. Havia regras que aprendíamos e seguíamos. Ela mimeografava páginas de frases da literatura, que nós tínhamos de analisar uma por uma, representando-as esquematicamente com setas e puxados para entender sua sintaxe e dar a função de cada palavra na frase.

Foi ela quem me mostrou o prazer que é ouvir as palavras e o modo de mexer com elas pela folha afora. Deu-me as ferramentas de que eu necessitava e ensinou-me a utilizá-las, fazendo-me estudar arduamente as frases, tal como a Sra. Priebe o fez quanto a escalas e acordes.

«Alguns de vocês nem precisavam me ouvir», confessou-me ela, «mas

era a maioria que eu tinha de levar em conta.»

Marie Luikart não acreditava em teorias de interpretação da literatura. Um de seus professores na universidade lhe dissera simplesmente para «buscar os aspectos da vida», e era o que ela fazia e nos punha para fazer também. Conclusão, hoje somos capazes de distinguir mais aspectos graças ao duro que demos estudando com ela. Marie ensinava com uma energia feroz e concentrada que hoje, aos 87 anos, ainda não perdeu. Continua a dirigir carro e a ir até um lar de idosos para ler para eles poesia e textos de jornal.

EM ENID aprendi os valores da família, da religião, da comunidade e a importância da amizade. Com o passar dos anos, «ultrapassamos» certas coisas. Tentamos afastar o que é falso, e a forma de sabermos se algo o é confrontando-o com a verdade — normalmente algo que aprendemos precisamente no mesmo lugar. Enid foi um local de aprendizagem dessas coisas.

No caminho de regresso a Enid, eu esperava me espantar com as diferenças que encontraria e com o sentimento de ser de fora que iria experimentar. Em vez disso, percebi que muito do que lá aprendera ficara em mim: a importância de trabalhar com afinco, lutando para ser o melhor, e amar minha profissão.

Apesar de me ter mudado de Enid há muito tempo, descobri que, ao mesmo tempo, tenho vivido lá toda a minha vida. 